

Correio Olhanense

Semanário Independente

PROPRIEDADE
da Editora Olhanense, Limitada
(Tipografia movida a electricidade)

DIRECTOR E EDITOR
Souza Ferradeira
Publica-se ás quintas-feiras

REDAÇÃO
e tipografia: Largo e Rua da Lagôa
Numero avulso: — 35 centavos

Armas de Olhão

Parecer aprovado na sessão de 20 de Julho de 1927 da Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes
por AFFONSO DE DORNELLAS

A Historica Vila Nova de Olhão da Restauração, desejando enriquecer o seu selo e, portanto, as suas armas, dirigiu à Associação dos Archeologos o seguinte officio:

Camara Municipal do Concelho de Olhão. — N.º 333 — Ex.ª Associação dos Archeologos. — Lisboa. — Desejando esta Camara fazer uma alteração ao seu escudo no sentido de embelesamento, mantendo integro o que já o compõe, vinha rogar a essa illustre Associação, se dignasse, pela sua secção de heraldica, fazer alguns projectos que esta Camara depois apreciaria. O escudo é o que tmbrá este papel. — Com os protestos da minha consideração desejo a V.ª Ex.ª — Saude e Fraternidade. Olhão 11 de Setembro de 1926. — O Presidente da Comissão Administrativa, (a) João Carlos Mendonça.

Este officio tem o seguinte despacho: — A' Ex.ª Secção de Heraldica e Genealogia para tratar do assunto e comunicar o seu parecer. 27/11/1926 (a) Xavier da Costa.

O papel em que o officio está escrito tem um O cercado pela seguinte legenda entre circulos concentricos: — Viva a Restauração e o Principe Regente Nosso Senhor. 15/11/1808.

Não conhecendo esta medalha apesar de por véses ter ouvido varias referencias se bem que vagas, solicitei da Camara que me fosse facultada uma fotografia d'uma dessas medalhas e alguns esclarecimentos referentes á sua historia e mesmo á historia da Vila.

Como resposta recebi um exemplar da obra "Monografia do Concelho de Olhão da Restauração por Francisco X. d'Athaide Oliveira" Porto, 1906 com uma amavel dedicatória assignada pelo Membro da Comissão Administrativa da Camara Municipal de Olhão o Ex.º Sr. Alexandrino Passos, de quem recebi dias depois a visita, mostrando-me um dos exemplares da medalha referida.

Por esta monografia, fiquei conhecendo detalhadamente a historia de Olhão, principalmente notavel durante as invasões Francesas.

De conhecida existencia desde o principio do seculo XVII e povoada inicialmente por pescadores vindos principalmente de Aveiro, talvez de Ovar ou Ilhavo, ali fixou residencia um grupo de audazes maritimos conhecidos como os principais da costa do Algarve.

Sempre o pescador de Olhão foi considerado impossivel de imitar pela sua valentia e muito principalmente pela sua admiravel audacia.

Os maritimos de Olhão eram os escolhidos para os escaleres da Ribeira das naus de Lisboa.

Uma grande nascente d'agua, um olho de abundante agua, deu o nome ao logar que proximo da mesma nascente se foi construindo, passando o povo de Quelfes, a que Olhão pertencia, a denominar esse povoado por Olhão por ali haver a maior nascente d'aquelles sitios.

Olhão, desanexando-se de Quelfes, foi elevado a freguezia em 11 de Julho de 1695, pelo Bispo do Algarve D. Simão da Gama.

Foi no cerco de Gibraltar pelas armadas francesas e hespanholas de 1779 a 1782, que Olhão colheu grandes proventos pois os audazes pescadores forneceram mantimentos aos sitiados e sitiantes. Depois durante o cerco de Cadiz, continuaram os habitantes de Olhão, procedendo da mesma forma, negociaram fortemente com os sitiados e sitiantes.

Com estas fartas colheitas de lucros, toram-se substituindo as cabanas por predios até que a Freguezia de Olhão conseguiu uma bela apparencia.

Iniciada a primeira invasão francesa em 1807, e chegada a Olhão a proclamação de Junot datada de 11 de Junho de 1808 a qual foi afixada á porta da Igreja Matriz em dia de Corpo de Deus, 16 desse mesmo mês de Junho, foi esta arrancada, rasgada e pisada pelo coronel José Lopes de Sousa que sendo governador de Vila Real de Santo Antonio estava retirado em Olhão. Em seguida fez uma preleção patriótica ao povo, arrancando dele protestos de patriotismo e de desprezo pelos invasores.

No mesmo dia foram afixados editais convidando o povo a armar-se contra as forças francezas que vindo de Martola, Vila Real e Tavira se estavam reunindo em Faro para atacarem Olhão.

Foram buscar duas peças e as respectivas munições da Ilha da barra de Armona e foram pedir 130 espingardas á Junta Militar de Ayamonte.

A primeira victoria deu-se imediatamente, pois aprisionaram no mar dois cahiques que vinham de Tavira carregados de tropas para atacarem Olhão.

Olhão manteve-se em defesa, até que se pronunciou hostilmente na vespera de Santo Antonio dando vivas ao Principe Regente e morras ao Junot.

Enfim assim se manteve Olhão transformado n'um baluarte de patriotismo tendo por muralhas inexpugnaveis o peito dos pescadores.

Os invasores não entraram em Olhão.

O Secretario do Estado dos Negocios do Reino em sua carta de 20 de Setembro de 1808, dirigida ao Bispo do Algarve, louvando a acção do Algarve contra os invasores, manda publicar editais onde se declarou: — E como os leaes moradores de Olhão foram os primeiros em dar o exemplo do seu patriotismo, proclamando a mesma liberdade, o governo, merecendo por isso particular contemplação, os governadores em especialidade lhes dão os devidos louvores e agradecimentos por tão assinalados serviços, que fizeram os ditos moradores de Olhão, muito benemeritos e dignos da Patria.

Foram-se embora os franceses e Olhão, não satisfeito com o exemplo de patriotismo que deu e que tão bons resultados teve, quiz ainda mostrar bem a audacia de seus filhos e se já tinham escrito uma grande pagina da historia militar do nosso paiz, quizeram escrever outra de identicas dimensões na Historia Naval Portuguesa.

Manuel Martins Garrocho, mestre e dono d'um insignificante cahique, quiz, imediatamente ao rebentar a revolução de Olhão, comunicar o facto ao Principe Regente D. João VI que estava no Rio de Janeiro.

Tinha necessidade d'um piloto tambem audacioso e o piloto appareceu: foi Manuel d'Oliveira Nobre.

Eram necessario tripulantes e então houve dificuldade na escolha. Na extraordinaria expedição foram Joaquim do Ó, Joaquim Ribeiro, Manuel d'Oliveira, Manuel Viegas, Antonio da Cruz Charrão e Domingos do Ó.

Nenhum deles tinha ainda perdido de vista a costa do Algarve, mas lá foram para a Ilha da Madeira onde meteram um piloto que conhecia o Oceano.

Temporaeas pavorosos e pessimo mar tiveram esses valentissimos portugueses até que foram parar a Casinna, que então era francesa e d'ali a Pernambuco e depois com uma acidentada viagem ao longo da costa até ao Rio de Janeiro.

O que seria a chegada ao Rio de Janeiro, será difficil de descrever. O entusiasmo dos que chegaram e a grande alegria dos que souberam a noticia de que Portugal estava livre devia ter sido qualquer coisa de monumental.

D. João VI presenteou estes heroes com um hiato de dimensões razoaveis para voltarem a Olhão. Manuel Martins Garrocho foi nomeado Guarda-Mór de saude e Manuel d'Oliveira Nobre nomeado Capitão do porto de Olhão, ambos com as patentes de 2.ª tenentes da armada, com o habito da Ordem de Cristo com 200000 reis de tença para cada um.

Olhão foi elevado a Vila com o nome de Olhão da Restauração e o Conde de Castro Marim, Presidente da Junta de Defesa do Algarve, agraciado com o titulo de Marquez de Olhão.

Por ser muito interessante o conteudo do Alvará do Principe Regente de 15 de Novembro de 1808, vou transcreve-lo:

—Eu, o Principe Regente. Faço saber aos que o presente Alvará, com força de lei, virem, que merecendo a minha real consideração e estima os meus fieis vassallos, habitadores do lugar de Olhão, no Reino do Algarve, pelo patriotismo, amor e lealdade com que no dia 16 de Junho do corrente ano se deliberaram, com heroico valor e intrepidez mui propria da valorosa e sempre leal nação Portuguesa, a sacudir o pesado e intoleravel jugo francés, em que se viam oprimidos e vexados, dando o sinal da Restauração da sua liberdade tiranizada com factos injustos e insolencias insofríveis, e rompendo em vivas á minha Augusta Pessoa, e a toda a Real Familia, arvorando a bandeira portuguesa e propondo-se a sustentar com as armas na mão e á custa do seu sangue a causa da religião e do trono, com tanta perfidia invadido: — E querendo eu dar um testemunho de que bem aceitos por Mim, foram estes relevantes serviços, praticados com tanto brio, honra e valor que foram o primeiro sinal para restaurar a monarchia de que se tinha apoderado o inimigo comum da tranquillidade da Europa, com manifesta usurpação e ultraje dos Meus Reais Direitos e da Augusta e Real Familia, e ao mesmo tempo distinguir entre os presentes e vindouros o referido lugar de Olhão e seus habitantes. — Hei por bem e Me praz erigir em Vila e ordenar que da publicação deste em diante se denomine **Vila de Olhão da Restauração**, e que tenha e goze de todos os privilegios, Liberdades, Franquias, Honras e Isenções, de que gozam as vilas mais notaveis do Reino e permito outro sim que os habitantes dela uzem de uma medalha na qual esteja gravada a letra **O** com a legenda **Viva a Restauração e o Principe Regente nosso senhor**. Pelo que mando etc. Dado no Palacio do Rio de Janeiro em 15 de Novembro de 1808. Principe.

Em 21 de Dezembro do mesmo ano, outro decreto elevava a Marquez de Olhão da Restauração, o Monteiro Mór do Reino e Conde de Castro Marim, D. Francisco de Melo da Cunha de Mendonça.

Durante as duas outras invasões de franceses que se seguiram, Olhão manteve-se sempre no mesmo pé o que lhe valeu o Alvará de D. Pedro IV de 18 de Junho de 1826 que creou o Concelho d'Olhão.

E pois a Vila de Olhão credora de grande reconhecimento de todos os portugueses pela sua acção patriótica e pela monumental audacia dos seus heroicos habitantes que tambem souberam ganhar os seus honrosos pergaminhos.

Não tem esta Vila tido um selo, e portanto umas armas e um estandarte que represente bem nitidamente a sua historia pois apenas tem feito uso da reprodução daquela medalha que D. João VI creou para ser usada por todos os habitantes da mesma Vila.

Do conhecimento que nos fica da brilhante historia d'Olhão, parece que seria interessante que nas armas desta vila figure um leão rampante despedaçando umas algemas, para representar o esforço praticado pelos habitantes da Vila que ao mesmo tempo constituiu um exemplo admiravel de patriotismo.

O leão é uma das figuras mais representativas na heraldica da armaria universal sendo sempre empregado para simbolisar actos da maior audacia e valen-

(Conclue na oitava pagina)

CRONICA

A ALMA PORTUGUESA

A Mlle Maria da Purificação Ferradeira

Foi numa tarde aromática e linda do mez de Maio.

Corria uma branda aragem.

O silencio místico que áquella hora envolvia todo o campo era entrecortado pelo ramalhar das arvores, pelo cicar dos passarinhos e dos insetos, pelo marulho das águas correntes nas levadas e nos minuculos ribeiros, pelos gritos estridentes dos animais domesticos e pelas gargalhadas frescas e louças das cachopas que andavam na sua faina campesina.

Vindo da minha aldeiasinha esquecida á beira da serra de Monte Figo, eu dirigia-me, a pé, para a estação da Fuzeta.

Ao atravessar a cancela que dista uns cem metros da estação, chegou-me aos ouvidos o som terno duma guitarra.

Apressei-me.

E que eu sou um entusiasta do Fado!

E sou-o porque ele é a canção que traduzindo subtilmente um amor e uma saudade inegaláveis, cantou vibrante nas Náus da Índia, em Alcacer Kibir e nas Trincheiras em França.

Aqueles que o combatem chamam-lhe uma canção doentia.

Mas é mesmo por ser doentia que nela se estilisa a alma do povo português. O portuguêsinho de lei é melancólico e triste por natureza. E a melancolia é uma doença.

* * *

A custo entrei na estação.

Uma multidão de camponeses aglomerava-se ás portas.

Lá dentro, sentados sobre as típicas bolsas de chita vermelha e branca, estavam dois soldados. Envergavam a farda amarelada dos nossos militares de Africa.

Era um deles o tocador.

Ligeiramente curvado, conservava levantada a pequena cabeça; não olhava para a guitarra nem para a gente que se agitava em torno de ele.

Ao entrar pareceu-me que a melodia se transformara, se tornara mais doce...

De repente começou a cantar.

Era o Fado!

Um fremito perpassou por todos os corpos seguido dum religioso silencio.

Os olhos arrasaram-se de lagrimas.

Era a nostalgia do Fado a vibrar nos corações!

E as cordas da guitarra continuavam gemendo em tremolos, soltando exclamações subitas, acompanhando a voz com melodias arrastadas...

De repente uma cachopa entra, atravessa a multidão louca de alegria e lança-se-lhe nos braços: era a namorada.

Encantadora filha dos vergeis algarvios!

Alta, alta de mais para os virginais e floridos desolito anos que me disseram ter, largas espáduas, anchos encontros, desenvolvidos pelos trabalhos campesinos, e no rosto traços duma belesa que não era a belesa macia da mulher que

se enfeitava, mas sim aquele galante descuido da mulher do campo.

Foi um delirio!

Ele chorava comovido e ela não se fartava de o contemplar num arroubamento celestial.

* * *

Pedi, depois, ao outro soldado que me explicasse o que não tinha compreendido naquella sena singela e comovente.

Eis, pouco mais ou menos, a sua resposta:

—O meu companheiro foi para Angola deve haver uns três anos. Já eu lá estava.

Conhecemo-nos uma noite numa taberna de Loanda.

Desde então fui seu confidente. Contou-me que tinha cá deixado a unica pessoa que lhe restava na vida: a namorada, aquella cachopa que o senhor há pouco viu.

Ele é orfão. O pai e a mãe morreram-lhe pela pneumonica.

Falava-me sempre da sua Ma-

ria com uma grande saudade...

Um dia aprendeu a tocar guitarra e a cantar o Fado. E desde então quasi não fazia outra coisa.

Dizia-me ele: Não há nada como o Fado Português! Não há outra musica que nos cale assim no intimo, no amago da alma! E depois ele tem um não sei quê de saudade... Quando o canto lembro-me mais da minha santa Maria...

Nunca o vi chorar senão lá pouco e de alagria. Lá, quando estava triste, pegava na guitarra e ia para o campo cantar...

Uma noite — lembro-me como se fôsse hoje — uma noite de junho, as mais lindas de Africa, noites de scismar e amar, recebeu ele uma carta em que lhe diziam que a namorada estava á morte.

Os olhos sómente se lhe arrasaram de lágrimas. Pegou na guitarra e saiu.

Segui-o!

Dirigiu-se para um dos pontos mais pitorescos dos arredores da cidade e aí, coberto por um miriade de centelhas luarinas, começou a cantar e a tocar...

E diz ele que ama o Fado quasi tanto como a sua Maria!...

* * *

E ainda há quem diga que o Fado não é alma portuguesa!

Como não o ha de ser se ele vibra em todos os corações?!

Não tem ele acompanhado os portugueses para toda a parte? Nos momentos de felicidade e nos de amargura?

Nas toiradas celebres do tempo dos nossos avós e nas lutas pela independencia da Pátria?

Sim! Acompanhou-o sempre!

Foi esse Fado lindo e espiritual que fez entrar o Folgadinho da Grande Guerra em todos os *estaminettes* onde o officialidade dos exercitos aliados divertia os seus momentos de ocio. Foi o Fado, essa canção sem igual, que o tornou querido de quantas formosas lá o conheceram e o consolou das saudades da Pátria distante, da mãe idolatrada — doce velhinha que chorava sem descanço a sua partida —, da noiva estremecida — de quem se despedira num beijo ardente e apaixonado, mas puro e casto como as suas almas —, da esposa estremosa — que longinquamente, numa alva casinha perdida no meio da serra, contemplava duas criancinhas e chorando dizia intimamente:

—Quem sabe se já sois orfãos!...

Foi essa mística canção que por lá o conservou e o trouxe a casa são e salvo.

E o Folgadinho amava tanto o Fado como a própria velhinha que lhe dera o ser. Porque essa canção singela não é mais do que a fala embriagada da sua alma simples de sonhador.

* * *

A alma portuguesa, a maneira de ser deste povo de *poetas*, define-se neste verso de Julio Dantas:

«Em sendo alegre chora, em sendo triste canta».

Orfão, 1928.

Literatura

A CAÇADA DO CHICO

por MIGUEL AYRES

N'aquelle dia o Chico, um meúdo com aspirações a gente, levantou-se cedo. Ainda a manhã estava em casa de Christo. Acordou com os galos. Elle, que era um perguição, muito dorminhoco, um grande mandrião, que nunca se levantava da cama sem que a mãe o espertas-se com duas chineladas rijas no rábo para não perder a escola onde era sempre o ultimo a entrar e o primeiro a sair, n'aquelle dia, como iamoz dizendo, levantou-se antes do sol nascer. Andava ali coisa no ar.

* * *

Mal abriu os olhos; ainda meio estremunhado, a esfregal-os, saltou lésto da cama como um cabrito, vestiu-se n'um prompto e de fugida, na bacia do lavatorio molhou a ponta do nariz e mal tocou com a agua nas oréllhas, porque a agua — dizia elle — estava fria e não queria correr o risco de se constipar e as vidas iam curtas.

* * *

Em toda ésta azáfama de *toilette*, em toda ésta préssa do Chico, em todo éste turbilhão de movimentos, havia com toda a certeza uma causa gráve, transcendente, um motivo sério, uma d'estas razões imperiosas que impulsionam os grandes acontecimentos e revolucionam o mundo, provócam cataclismos e espevitam transformações cósmicas.

* * *

E que n'esse dia o Chico, porque não tinha escola, resolvêra aproveitar aquelle feriado para se regalar, em ir armar aos passaros. Dáva o cavaquinho por ir armar aos passaros. E mal enxugou na toalha a ponta do nariz, pegou nas esparréllas de cána, presente de um velho amigo e seu visinho, muniu-se d'um frasco de vidro para guardar agúdeas para isco, meteu no bôlço das calças uma fatia de pão e um punhado de figos que a mãe lhe deu, e elle ahí váe lépido palmilhando a estrada a caminho do campo — novo D Quixote a correr aventuras — em cáta das indispensaveis agúdeas e sitio azádo para armar as esparréllas.

* * *

A manhã estava deliciosa. O sol vinha a erguer-se ataviado de purpuras brilhantes. A temperatura era agradabilissima, de uma frescura acariciadora; uma d'estas manhãs lindas do Algarve, prenuncio de dia quente em que o sol depois é fogo.

* * *

Feita no frasco a provisão das agúdeas ali por Vale de Guizos, continuou o Chico seu caminho assobiando uma toada popular que trazia de ouvido. Consigo ia formando projectos ácerca da passarinhada que fazia muito boa teução apanhar, mais certo que as coisas certas, e com a boa petisqueira que com ésta passarinhada havia de fazer. Eram favas contadas. E todo guloso se lambia na perspectiva do regalo de uma béla caldeirada.

* * *

Chegando á ponte que córta a estrada sobre o ribeiro de Bela Mandil, desceu para o lado do Torrejão e ahí, achando bom o sitio para acampar, vá de armar as esparréllas com o engôdo das agúdeas e cuidadosamente, de uma em uma, as foi pendurando nas moitas de zambujo e outros arbustos do ribeiro junto ao canal da vála por ali abaixo.

* * *

Como o sol aquecesse, procurou uma sombra frésca e ahí se sentou muito satisfeito a comer o seu pão com o conducto dos figos. Como aquilo sabia bem. Não eram os pasteis da *Bijou* que eram mais saborosos. Não eram, não. Isso, sim... Esses, pequeninos como são, para lhe tomar o gôsto era preciso uma porção d'elles e pelo menos

(Conclue na 5.ª pagina)

ANTERO NOBEE

CORRIGENDA ET ADDENDA...

Olhão no "Guia de Portugal"

pelo dr. Fernandes Lopes

Não ha duvida de que o *Guia de Portugal* é uma publicação valiosissima, do intuito mais sério e mais patriótico, e representativa d'um formidavel labor. Por ela, Raul Proença merece decerto os maiores aplausos.

Mas — e com razão — já de varias bandas se levantaram clamores contra o que do Algarve se escreveu no *Guia*. . . É que «não ha bela sem senão».

Pelo que respeita a Olhão, Raul Proença não levará a mal que um olhanense, seu amigo de velha data, e no *Guia* um pouco seu colaborador — (fôram, de facto tiradas por mim, expressamente, as tres fotografias de Olhão, que figuram no *Guia*) — faça alguns reparos fundamentados ao que de informação e de impressão ali se consignou pela pena de Aquilino Ribeiro que é, sem duvida, um dos mais fortes e castiços escriptores da lingua portugueza.

Amicus Plato, sed magis amica veritas.

Tendo-se o *Guia* acabado de imprimir justamente no ultimo dia do ano de 1927, se se comprehende que não possa estar actualizado em relação a esta data final, não se percebe no emtanto que as suas informações apareçam deficientes e desactualizadas, de modo a darem a impressão de que só ha muitos anos é que foram colhidas. Assim é que na lista dos hotéis e pensões faltou o velho e modestissimo, *hotel Antonia* (R. dos Murraceiros); mas de ha quanto tempo desapareceu a *Pensão Julia*! O poço da Vila de ha muito que foi entupido. O que ha, é um poço um pouco a nordeste do antigo. Mas a melhor agua, — as analyses o mostraram — nem é a deste: é a do novo poço (junto ao antigo chafariz) que hoje abastece o deposito e o geral da vila.

Esqueceu: dizer onde era o edificio dos correios e telegrafos; mencionar os tres clubs: Sociedade Recreativa Olhanense (R. Dr. Teofilo Braga), Gremio Olhanense (R. Carlos da Maia), Recreativa Progresso (Praça Patrão Joaquim Lopes).

Actualizando o *Guia*, haveria a substituir a defuncta diligencia para Faro pelas carreiras de camionetes e a mencionar o enxame dos automoveis de praça.

Entrando no contexto da noticia historico-lendaria de Olhão, alguma coisa haveria a emendar e a ajuntar. . . Segue o *Guia* docilmente a tradição corrente que Ataíde na sua *Monografia* tambem adoptou. Porém da propria *Monografia* se tiram elementos para uma outra maneira de vêr, mais conforme talvez, á realidade. D'este modo, antes de haver a *praia* de Olhão, haveria já o *sítio* ou *logar* de Olhão; e assim, as *paihotas* dos *homens do mar* d'esta *praia* teriam vindo encontrar já aqui algumas *casas de pedra e cal* da gente do campo, dos *montanheiros*, (vivendo das suas propriedades ou dos trabalhos do campo), *casas* como as que devia haver na restante área de toda a freguezia de Quelfes em que, desde 1614, pela desagregação d'esta da de S. Pedro de Faro, o lugar d'Olhão ficára comprehendido.

Os usos e costumes — todo o *folk-lore* — d'esta terra devem reflectir esta dualidade d'origem; embora, pelo incremento e desenvolvimento que tomou, o elemento maritimo predominasse e lhe imprimisse a sua feição caracteristica.

Da *Monografia* de Ataíde colhe o *Guia* varios traços de usanças pouco ortodoxas, hoje de todo obsoletas. . . Mas pouco custaria ter mencionado inequivocamente o numero, se não os nomes, (que Ataíde com rigôr estabeleceu) dos seis tripulantes do caique, que com os dois mencionados — o mestre Garrocho e o piloto Nobre — fizeram a mensageira viagem ao Brazil.

Pelo que respeita á impressão geral da vila, resalta d'um certo exagero. . . poetico a pintura de Olhão como terra suja e mal cheirosa, cuja «via publica é o colector máximo».

Era assim, era assim. . . pouco mais ou menos! Mas, hoje, quasi inteiramente deixou de ser assim: desde a penultima edilidade, feita uma canalisação geral e modificadas quasi todas as vielas de valleta ao centro, passou a ser. . . outra coisa.

Subsistem, podem dizer-se, a titulo de documento, apenas a curta travessa dos Abraços e poucas mais.

Mas apezar de mais limpa, a vila conserva o seu *interior* caracteristico, tal e qual como os predios novos, de diversas estheticas, não lhe alteram a feição panoramica. Nos bairros novos — o Mundo Novo e o Contra mundo — as soteias e mirantes continuam tambem a predominar.

Péca a descripção de Aquilino Ribeiro por muitos detalhes que— (alguns d'elles cómicos pelo disparate) — qualquer olhanense corrigiria. . .

Assim diz-se em Olhão: o *largo da Feira* ou as *Praíhas*, e não o *Campo da Feira*. *Estaleiro* nada diz de preciso, pois havia dois: o *Estaleiro do Moinho do Sobrado* ou do *Lourenço da Graça*, a levante e o do *Moinho da Barreta* ou do *João da Carma* a «ponente». Nem na memoria da gente mais velha subsiste lembrança de bairros, ruas, travessas, largos ou becos do *envarroco*, do *Pilé*, do *Pé Comido*, do *Guacho*!

O nome de *Micanos* que se encontra hoje na placa nova da respectiva rua é a méra estropiação do nome verdadeiro: *Mohicanos* que os meus olhos, em menino, ainda leram na antiga chapa. . .

Só um ou outro aguadeiro é que anda ainda de *carapuço até ás orelhas* (o geral anda de chapéu ou boné); e o zimborio da igreja da Soledade não é *vermelho*, é branco.

Algun olhanense mais subtil poderia notar que Aquilino Ribeiro, homem do Norte pela sua sensibilidade e imaginação, como pela linguagem, em que avultam e abundam vocabulos regionalistas, desfigura ou transfigura um pouco certas impressões. . . Poder-se-ia discordar assim da *biblica doçura*, quanto ao panorama do campo em redor, para caracterisar *esta* doçura incomparavel. . . Mas discordam de certo da sua impressão de *simplicidade rustica* acerca da Igreja Matriz, dos «homens do mar», todos aqueles que tiverem especialmente visto por dentro esta igreja, de uma unica nave, larga sob uma nada vulgar abobada em berço, com a exquisita decoração sobretudo do seu altar-mór, — a mesma bizzaria de *oriente ocidental* que por toda a vila denotam, no seu recheio e no seu arrumo, os *oratorios* das casas particulares. . . (Raul Brandão reparou n'isto, se o não disse; e outro dia tambem, isto mesmo, espontaneamente, impressionou Carlos Amaro. . .)

A *simplicidade rustica* mais justamente se encontraria no templo antigo — a igreja da Soledade — que teria sido o da população campestre — (haja em vista os seus rusticos oragos: S. Sebastião, S.ta Luzia, S.ta Clara) — antes de a *maritima* ali haver introduzido o Senhor dos Passos que além dos «belos punhos de borracha com botões d'ouro», não é demais reconhecer que, pelo seu tamanho natural e esculptura nada tosca, infunde profundo respeito pelo menos ás almas simples. . . (O seu semblante de Zeus olympico compassivo chega até a inspirar uma certa *sympathia* ás almas complicadas e desempoeiradas. . .)

Aquilino Ribeiro não fala das *procissões* de Olhão que são uma coisa muito typica: sem nada da garridice do arraial de aldeia, nem tão pouco do luzimento e pompa convencional das capitães. . .

Mas deixemos os deuses e sigamos. . . os biócos.

O *bióco* consta d'um capote com cabeção, feito d'um pano assestinado especial (e não em *merino* ou *casimira*,) e de um chaile preto ou de côr escura em geral (e não *vêu espesso*). Além do bióco ha o *rebuço* em que o chaile é substituido por uma das abas do capote enrolada de modo a cobrir a cabeça mas sem ocultar a cara. Antigamente usava se o capote com lenço de cambraia branco, deixando a cara a descoberto.

Do capote não se pode dizer *orvalhado pelo mar* pois é vestuario de terra. . .

No nicho da fachada do Compromisso, — nicho fechado por tampa de vidro — a imagem que está é da Sr.ª da Graça (e não de N.ª Sr.ª do Rosario); e não é bem de uso geral, embora muitas pessoas a façam, a reverencia a esta Sr.ª, mas isto tanto ao entrar na Igreja Matriz fronteira, como ao sahir como ainda ao simples passar pelo largo, rezando-se até por signal uma oração antiga em que se termina por pedir «uma morte pacifica e suave».

Na trazeira d'esta Igreja, a capelinha que se encontra é a de Nosso Senhor Jezus dos Affictos — ou correntemente: do «Senhor dos Affictos» (e não de *Nossa Senhora (!) dos Affictos*). Não são só (nem mesmo especialmente) as *mulheres dos pescadores* quem lá vae, e não em *côro lancinante* nas horas de mar bravo. Não. Trata-se d'uma capela onde vae toda a especie, de gente de noite, — sobretudo gente de saia curta e atavios ricos, — e não por espirito de exhibição mas de verdadeira e intima devoção, e onde cada um ora em silencio e em meio do mais recolhido silencio. Todas as noites ali se vê rezar gente mas ninguem *ouve* essa gente rezar. . .

As vielazinhas que se lançam na Rua do Rosario (hoje rua do Comercio) não são *mesteiras* senão de impressões. (Em Olhão não houve nunca arruamentos de corporações). A *barcaça* da lota não passa de ser o que tem a designação propria de «o barco da lota», antigo barco, com efeito. A população da baixa mar melhor se diria *lostada* que *acobreada*, e o adjectivo *peluda* parece improprio. . .

Aparte estas ligeiras péchas miudas, mas que facilmente poderiam ter-se evitado, ou que podem eliminar-se n'uma 2.ª edição do *Guia*, a descripção impressionista de Aquilino Ribeiro é realmente de mão de mestre, com traços verdadeiramente maravilhosos de visão ou de intuição justa, e Olhão inteiro só tem que lhe agradecer pelo que ela representa de simpatia e de propaganda da sua caracteristica, unica em todo o Algarve, em todo o Portugal.

F. FERNANDES LOPES

BATALHA DE FLORES

SERPENTINAS

de primeira qualidade; cores vivas e variadas

CONFÉTI

limpo e de cores vivas, em separado

LANÇA - PERFUMES

de puro Cloreto de Ethilio, perfumado com penetrantes perfumes. Inofensivo para os olhos. Estes artigos, vindos expressamente para a BATALHA DE FLORES não se comparam com os que esta casa vendeu pelo Carnaval. A' venda em todo o dia da Batalha de Flores na

CASA BRAZIL—R. do Comercio, 72 e 74

Gazetilha

'stá organizada a pandega
P'r'a gente da Nobre Vila,
Féstar uns bons cinco dias;
É lá no largo d'Alfandega,
Que os bombeiros vão abri-la,
Com bombas e acobracias.

No final de tudo aquilo,
Todo o povo, as forças vivas
Vão em marcha triunfal,
Inaugurar o Azilo,
Que é, das iniciativas,
Um belo feito moral.

Feito o elogio, merecido,
A quem teve a Santa ideia,
Entrega-se a debandar,
Comentando o sucedido;
De barriga nada cheia,
Vae-se p'ra casa jantar.

Vou permitir-me um conselho,
Mas peço guardem segredo:
—Indo ás iluminações,
Quem fôr fraco, um tanto velho,
Deve ir p'ró pessão cedo,
Por causa dos cadeirões.

Á noitinha, quando já
A frescura é manifesta,
Gira tude p'r'Aveida;
No jardim ha belo chá,
E é ali que Olhão em festa
Tem mais vibrações de vida.

Haverá baile popular.
Em recinto apropriado,
Onde dança toda a gente;
Com o Granjinha a tocar
O corridinho pulado,
Ou a valsinha dolente.

Ahí pela uma hora'
Manda a boa orientação
Deixar em paz o Mi Lá;
Irmos p'ró «Bordo de fora»
E levando em atenção,
Seu sabado, também ha.

Ha também festas no mar,
Que não pode ser esquecido,
Pelos seus admiradores;
Que mais peixes a nadar.
Lhe dão um alegre ruido,
Ao saírem vencedores.

Ha mergulhos e regatas,
Ha saltos e natação,
Celhas e verga encebada;
Lucta de botes e chatas,
Com equipas de Olhão,
E gente da Lisboa amada.

Á noite, iluminações,
Tombolas e chá dançante,
E uma banda cá da terra;
Namoros, declarações
E o bom Japão, visitante
Ao jardim de João Serra.

No Domingo, inda com sol,
Vamos ao Stadium Padinha,
Ver o nosso Olhanense,
Recordar no Futebol,
O jogo q'outrora tinha,
E que ainda lhe pertence.

A' noite então haverá...
A banda de Caçadores,
E uns artisticos foguetes;
Repetem bolos e chá,
Luzes, palmeiras e flores;
E saborosos sorvetes.

Pelas duas mais ou menos,
Então a festa abandono
Que são horas d'ir p'ra cama
Acomodando os pequenos,
P'ra desafiar o sono,
Leio o resto do programa.

MARTAN

Carlos Fuzeta

Advogado

Joaquim do Carmo Peres

Solicitador encartado

OLHÃO

AS FESTAS DA VILA

Conforme o programa inserido no nosso ultimo numero começam amanhã as festas da Vila patrocinadas pela Camara Municipal, festas que prometem atingir um esplendor fóra do vulgar, devido não só aos excelsos numeros do programa mas também á presumível afluencia de forasteiros.

O fim da festa — angariar receita para continuar a construção do Azilo dos Velhos — é bem louvavel e merece, porisso, que todos auxiliem a Comissão presidida pelo Capitão João Carlos de Mendonça, um benemerito a quem a nossa Vila deve quasi tudo o que hoje aí tem a atestar o seu elevado progresso.

* * *

Amanhã, sexta-feira, salienta-se no programa a Inauguração do Azilo dos Velhos.

Deve ser um acto imponentissimo por assistir a ele a figura veneranda e orador fecundo que é S. Ex.ª Reverendissima o Sr. Bispo do Algarva.

A' noite, além dos concertos pelo Filarmonica Olhanense e Jazz Mi'á na Avenida e Jardim João Serra, teremos nos salões anexos do Hospital um grandioso certame que vai decerto marcar no meio português duma forma notavel: a Exposição de Productos Regionais.

A esta exposição concorre todo o Algarve com os seus productos. Nela se encontrarão representadas todas as suas industrias: conservas, ceramica, cortinamentos, vinhos marcenaria, etc. e algumas cujos especimes são desconhecidos da maior parte dos proprios algarvios.

E já que falámos na exposição não queremos deixar de enaltecer o gesto da maioria dos expositores que, num desinteresse de veras significativo ofereceram os seus mostruários para serem ven-

didos em beneficio do Hospital.

Este nobre exemplo decerto vai ser seguido por todos os expositores, porque o Hospital bem merece o seu auxilio

No sabado o programa é deveras sensacional, principalmente para os afluencia dos desportos nauticos, que vão ter ocasião de admirar, além dos bravos campeões algarvios, uma bela equipe do Sport Algés e Dafundo.

Do Algarve concorrem nadadores de Faro, Tavira e Olhão, que se faz representar pelos irmãos Lemos, dos quais o José é campeão algarvio dos 400 e 1500 metros.

No domingo o numero principal é o, decerto, magnifico desafio de futebol entre uma forte seleção olhanense de que faz parte o laureado jogador olimpico Raul Figueiredo o o Tamanqueiro muito querido das plateias futebolisticas — e outra de Huelva.

Para mostrar o valor da seleção adversaria dos nossos conterraneos basta dizer que ela vem reforçada com jogadores de Sevilha

Na segunda-feira é ainda numero principal o desafio desforra entre as duas seleções.

Á noite Verbenacom o concurso de gentis damas que exhibirão visto Mantones, disputando um Ramo de Honra.

Na terça-feira a Batalha de Flóres, um dos numeros mais suggestivos do programa, com concurso de carros ornamentados disputando se um premio de 300 escudos.

Durante as noites da festa terão os amadores da boa musica ocasião de ouvir as filarmonicas Olhanense e Capricho, as magnificas bandas de Caçadores e Municipal de Tavira, e o nosso apreciado Mi-Lá, reforçado por elementos de valor

Incendio

Pelas 18 e meia horas de sabado passado, dia 24, e em consequencia da explosão dum bidon de oleo, manifestou-se um incendio na antiga fabrica Santos, Simões & C.ª, L.da, hoje propriedade da firma Domingos Martins Gomes, na Avenida Dr. Bernardino da Silva.

O fogo, que causou alguns prejuizos, foi extinto pelos trabalhadores da fabrica e por alguns populares que primeiro acudiram ao sinal de alarme.

O material dos bombeiros compareceu no local mas não chegou a ser utilizado.

Sporting C. Olhanense

Quem conheceu o advento do grupo olhanense, poderá admirar-se da forma inopinada—mas justa e consentanea, nobre e valorosa—como de um momento para o outro se alandoreu a altos horizontes, de onde o seu nome irradia rutila, viva e duradoira luz sobre a terra que o idolatra —Olhão— e sobre a provincia que urbanamente o retém num amplexo difidente, e de axiomatico ciúmaria.

Não ha memoria que no país um Club se alevantasse tão egergiamente como o Sporting Club Olhanense.—Desconhecido —vivendo numa vila (uma das mais nobres e industriais), conseguiu levar de vencida, com brilhantismo os óbices colocados nas sendas por onde tinha de atravessar—e fê lo em ochas tão gloriosa como terríveis e esgotantes!—saindo victorioso e conquistando além de uma ingente simpatia, a recompensa adequada, dos esforços e dos sacrificios!

São sempre os humildes os que mais dão que falar. Pois o Sporting Club Olhanense tem um advento humilde.—Mas, um dia, «os ultimos serão os primeiros!»—o seu nome começou a ser ouvido como adversario de respeito.—Uns resultados felizes trouxeram-lhe a aura almejada.—Foi o começo, foi o primeiro passo nulate.—E estava lançado o Club que mais tarde tão galhardamente se portaria ao lado dos grandes, dos invictos.

A sua ascenção é gloriosa.—Os successivos triunfos embalam-no, dão-lhe forças, rigor, incitamento.—Os olhanenses, ciumentos, perenes do bom nome da sua terra, acalentam-no, cantam-lhe ilusões que mais animam os iniciadores do Desporto olhanense.—As adesões sucedem-se; e de entre elas surge a figura prestigiosa de Gandido Ventura, creatura trabalhadora, coerente de invulgar energia.

Foi a Ele que pertenceu tomar comando da galera onde tantas esperanças, tantas ilusões se tinham colocado,—pelos campos do Desporto rejuvenescedor, como Moisés guiando a horda israelita atravez do Sinai. Soube-se haver com mestria.—A sua acção de homem pratico e conhecedor do assunto fazia se sentir visivelmente e inludível, de forma comvicta e indiscutível.

Em 1924, o Sportig Club Olhanense, tem trabalhado, encontrava-se no auge.—Tinha o caminho da victoria desobstruido de todos os estorvos; e não tardou muito, porisso, que, o seu nome ecoasse de lés a lés nas trombetas da popularidade.—como o defensor estrenuo do Desporto Portugues, (Segue na 5.ª pagina)

Armas de Olhão

(Continuado da primeira pagina)



tia Deve ser portanto esta a peça principal das armas de Olhão.

A letra O que D. João VI deliberou constituisse no centro duma medalha o distinctivo pessoal dos habitantes de Olhão, é muito interessante que figure nas mesmas armas, em chefe; devendo este O ser acompanhado pelas cabeças dos Reis Cristão e Mouro que simbolizam o Algarve.

Devem portanto as armas de Olhão ser assim constituídas:

De verde com um leão rampante de ouro quebrando umas legemas de negro Em chefe um O de ouro acompanhado por duas cabeças, uma de carnação branca coroada de ouro e outra de carnação negra com um turbante de prata. Coroa mural de prata de quatro torres. Por debaixo das armas, uma fita vermelha com os dizeres Vila de Olhão da Restauração a letras brancas.

Bandeira amarela cor d'ouro com um metro por lado.

Proponho o campo verde para as armas porque este esmalte na heraldica corresponde á agua e é do mar que os habitantes de Olhão vivem e foi atravessando o oceano num pequeno cahique que muito se notabilisaram.

Proponho que o Leão seja d'ouro porque o ouro na heraldica significa nobreza, fé, fidelidade, contancia, poder, liberalidade, etc.

A letra O que figura em chefe, deve também ser de ouro pelo muito que significa para os habitantes de Olhão.

A coroa mural deva ser de prata e de quatro torres, porque está estabelecido que assim representa a categoria de Vila.

A bandeira deve ser amarela cor d'ouro, porque são deste metal as peças principais das armas, o Leão e O.

As cores das bandeiras está estabelecido que se tirem das peças principais das armas.

Amarelo cor d'ouro deve também ser adotado para a fita que suspende a medalha que D. João VI concedeu a todos os habitantes de Olhão, por não ter este Rei, no Alvará respectivo, indicado qual a cor dessa fita.

AFFONSO DE DORNELLAS

Uma scena de tiros

Na passada terça-feira, na Avenida Bernardino da Silva, deu-se uma violenta scena conflictuosa entre dois dos varios grupos de ciganos que, nas imediações, costumam, permanentemente, acampar, com grande prejuizo da moral de costumes e tranquilidade dos moradores.

Depois da inevitavel troca de palavrões e de sopapos, um dos ciganos disparou uma pistola tendo atingido, com três tiros... a parede do predio onde reside o sr. Barriga, onde ficaram os vestigios das balas a memorar o feito.

Sabendo que aos ciganos, gente inutil á sociedade, á qual dão um pessimo exemplo, — não é permitida a permanencia dentro das povoações, chamamos para o caso a atençao da policia, a fim de que ela ponha cõbro á serie de tropelias que os indesejaveis vagabundos veem praticando, com o maior descaro e geral censura.

Jogo a dinheiro

Não temos contra os proprietarios dos cafés onde teem entrada individuos de menor idade nenhuma animosidade pessoal.

Parece nos, até, que eles procedem com uma inconsciencia que faz dó, sendo, por esse facto, um pouco menos culpados. Mas, no papel que desempenhamos, voltamos a pedir á policia que não consinta a jogatina do quino, a dinheiro, e á porta fechada, nesses cafés, transformados em antros de perversão, tanto mais que, repetimos, eles continuam a sér frequentados por individuos de menor idade, o que é um escandalo.

pela conquista do titulo de Campeão Nacional. Estava realiado o grande esforço; fõra satisfeita a grande ambição da gente olhanense; encontrou-se completa a obra enormissima e donairante do invencivel fulcro que foi Candido Ventura, filho presado de Olhão!

E tem sido sempre assim de lá para cá um rosario de vitorias, a vida do S. C. Olhanense.—O seu nome encontra-se est-eitamente ligado á honra superior do Desporte Algarvio, bastas vezez com orgulho altivez e nobresa.

Presentemente, porém, como todos os grupos do sul, vive menos desfogadamentete.—Não por que se lhe esgotassem as forças; não por que a sua missão tenha terminado.—E' perene, e tanto assim, que ainda fará ouvir seu nome nas grandes competições, para que, a figura inconfundivel de Candido Ventura, a açao proficua e esbelta de João Sarah, o esforço incomensuravel do *Pai Jorge*, o trabalho assiduo de E. Pontes e de tant'outros que agora não me vem á memoria—e hoje o desejo prevalecente de João Carlos de Mendonça, pessoa a quem Olhão com assiduidade rende sentida e justa homenagem, seja em todo o tempo, atravez de todas as vicissitudes e de todas as desbagoadoras procelas, lembrado com carinho e de axiomática justiça!

HOMEM QUE CHORA

Do Sport Lisboa

NA PATINHA

Foi descoberto

um horrendo crime praticado ha 2 mezes

Ainda não se apogou de todo a funda impressao que causou no publico olhanense a descoberta ha duas semanas, dum hediondo crime de morte, praticado ha dois mezes no sitio da Patinha, suburbios desta vila.

Eis a sintese do ocorrido:



A vítima

No referido sitio, que fica proximo á vila Mendonça, vivia com sua mulher e filhas o carroceiro José Antonio Faxelha, de 43 anos, de Lagos.

Em 1 e 2 de Maio ultimo foi visita do casal o comerciante Francisco Bernardo Sequeira, casado, de Portimão, porem a partir do dia 3 deixou de ser visto por aqueles lados.

De Portimão a familia do Sequeira pedia noticias, e nada. Passaram-se dias até que a policia foi chamada a intervir.

O Faxelha e a mulher, Ana Virginia, foram detidos e defendiam-se dizendo que o desaparecido embarcara para a Argentina... e assim lograram sair em liberdade.

A policia é que não parou nas

suas diligencias, chegando até a pesquisar os poços do logar na hipotese de que tivesse havido crime. Mais tarde veio a saber-se que a Ana Virginia, que conta tambem 43 anos e é natural de Portimão, mantivera relações com o seu conterraneo, e pode dizer-se ter sido este pormenor que projectou um pouco de luz sobre o misterio que pairava á volta do caso.

Preso novamente o casal, e depois de apertados interrogatorios, o chefe do posto policial desta vila sr. Manoel Lagoas e o civico Antonio Cabrita viram enfim fructificadas as aturadas investigações a que procederam para desvendar tão estranho desaparecimento.

Com a confissão veio a saber-se tudo: o Sequeira tinha sido morto e enterrado como um cão.



Os assassinos

A caçada do Chico

(Continuação da 2.ª pagina)

meter na bõca três de cada vez, e assim mesmo...

Contra o seu costume, tinha-se levantado muito cedo. Deu-lhe somro; mas, porque tinha muito medo de cõbras, reagiu, não se desse o caso, que não era para admirar, de haver por ali alguma.

O Chico, adorava o campo; mas o campo sem cobras. O seu espirito não comprehendia a razão porque Deus ao fazer o mundo pozera n'ele certas coisas inuteis, e no seu entender uma das tais coisas inuteis eram as cobras. As cõbras estavam cá demais. Passava-se muito bem sem elas. Cada vez cabeceava mais, até que por fim o somno o prostou. A materia foi vencida. Deixou-se dormir.

Quando acordou o sol ia alto. Tinha feito uma bõa sonéca. Pareceu-lhe que tinha sonhado, mas não se lembrava o quê. A pouco e pouco a luz veio áquele espirito e então recordou-se que sonhara que tinha apanhado muitos passaros, um monte d'elles; e em torno, a voar era uma nuvem tão expessa, tão densa, tão enorme que encobria o só; uma coisa imensa: *caldeirinhas, cartáchos, foinhas, rabos ruivos, bõcas negras, teirigos*, e outros mais, a chilrear muito, n'um grande bater de azas...

A sorrir, ergueu-se, levantou os braços a esparguicar-se e foi-se aproximando do sitio onde deixara as esparrélas armadas. Afigurou-se-lhe que só n'uma d'elas que estava meio sumida entre a folhagem do zambujeiro havia passaro.

Que grande enguiço!... Não tinha sorte, é o que era. Em todas as outras esparrélas, não tinha que duvidar, lá estavam as agúdeas, engodo inutil a passaros que só em sonho via. Aborrecido, pegou na esparréla desarmada e que estava meio escondida entre a verdura da folhagem do arbusto. Pareceu-lhe pezada. O passaro devia ser um grande passaro pelo pézo que sentia. Do mal o menos. Era só um, pouco importava, mas á certa valia por muitos.

Mais satisfeito da sua vida, pushou com força pela esparréla; mas soltou logo um grito affictivo e pavoroso; um grito estridulo de terrôr, que na quietude que o rodeava o éco foi repetindo de quebrada em quebrada... Largou de repelão a esparréla e, pernas para que te quero, fugia quanto podia ribeiro acima, era um gâmo, voava, o medo emprestara-lhe azas. Chegado ao talude da estrada que galgou de um púlo, deixou-se cair estafado na bérma, vermelho como um tomate maduro, olhos semicerrados, sem poder articular um som. Se lhe pozéssem a mão na bõca rebentava.

Mas o que foi que o Chico viu?... Uma enorme cõbra que ao comer o passaro que estava na esparréla, ficara com ele atravessado nas guélas sem o poder engulir.

MIGUEL AYRES

Novos colaboradores

Acedendo ao convite do nosso director, alguns dos mais distinctos estudantes olhanenses teem-nos dado o prazer de colaborar neste semanario

Não se pode dizer que tenhamos perdido o nosso tempo, antes nos sentimos orgulhosos por ver a nosso lado a mocidade academica de Olhão.

Arnaldo Lança, da Faculdade de Letras de Lisboa, fez a sua estreia literaria no *Correio Olhanense*, e, agora a ferias, promete-nos continuar a sua colaboração. Na novela que temos em nosso poder e que forçadamente tivemos de retirar para o proximo n.º, Arnaldo Lança, apresenta-se já sem as hesitações que acusamos no seu primeiro trabalho.

Outra revelação do nosso jornal foi a estreia de Antero Nobre, do Liceu de Faro, que hoje dá-nos a honra de ser nosso camarada de redação.

Os seus escritos denotam já certo dominio e elevado poder de concepção nos temas que a sua pena versa. Se continuar com a mesma persistencia e boa vontade que tem mostrado até aqui — dizemo-lo sem sombra de lisonja — antevemos-lhe um esperançoso futuro nas letras e no jornalismo.

Hoje dá-nos a honra da sua colaboração M.lle Maria Otilia Guerreiro Lima, distinta quintanista do Liceu de Faro.

M.lle Maria Otilia que pela primeira vez escreve para o publico revela-se um talento nascente que, aliado aos seus vastissimos conhecimentos da lingua pátria, nos obriga a considera-la uma esperanza das letras algarvias.

Nesta casa onde conta já inumeros admiradores esperamos ter a honra de continuar a receber os seus escritos.

A Ana Virginia, e sem que o marido o ignorasse, mantinha realmente relações com a victima, pessoa que possuira alguma coisa de seu e por ela tudo dissipara.

Vendo o Sequeira sem dinheiro,



O Cabo Lagoas O Civico Cabrita

e como ele não cessava de perseguir a mulher, o carroceiro resolveu desfazer-se do seu amigo e rival. Assim, na noite de 2 para 3 de Maio, e sem que a vizinhança desse por tal, assassinava-o á paulada, indo auxiliado pela Ana enterrar o cadaver numa cova que previamente abrira a 20 metros de distancia da sua propria casa.

Foi no dia 7 do corrente que os assassinos confessaram o repugnante crime que haviam praticado 2 mezes antes e nas circunstancias que atraz relatamos. Na tarde desse mesmo dia foi o corpo do infeliz Sequeira exumado perante as autoridades judicias e transportado para o cemiterio.

Os criminosos foram entregues a juizo e aguardam na prisão que a Justiça lhes aplique o merecido castigo.

Edital

A Comissão Administrativa da Camara Municipal do Concelho de Olhão

Faz saber, para conhecimento dos interessados e do municipio em geral, que tendo-lhe sido representado por uma comissão de comerciantes para que o descanso semanal fosse ao domingo e tendo ouvido sobre o assunto a Associação Commercial e Industrial que, fazendo reunir as diferentes secções de Grémios, verificou que todos preferiam o dia de domingo para o seu descanso semanal, deliberou em sua sessão de 28 de Junho ultimo que fosse o domingo o dia do descanso semanal, sendo obrigatorio o encerramento dos estabelecimentos, entrando esta deliberação em seu pleno vigor, no dia 1 do proximo mês de Agosto.

Para constar se passou o presente e outros de igual teor que terão a devida publicidade.

Olhão e Paço do Concelho, 11 de Julho de 1928.

O Presidente

João Carlos Mendonça

POSTAIS

Vistas de Olhão, edição da CASA HAVANEZA.

Descontos aos srs. revendedores. Vende-se qualquer porção.

Casa Havaneza

R. do Comercio, 71 — OLHÃO

Anuncio

No dia 29 do corrente mês de Julho, pelas 13 horas, á porta do Tribunal Judicial desta Vila, vai á praça para ser arrematada a quem maior lance oferecer acima da avaliação, uma vaca de raça taurina, avaliada em 1.600\$00, penhorada nos autos de arresto que Antonio Francisco Amen move contra Firmino Soares Granja, casado, proprietario, residente no sitio de Marim, freguezia de Quêlfes, desta comarca de Olhão. São citados quaisquer credores incertos, nos termos da lei.

Olhão, 14 de Julho de 1928.

O Escrivão do 2.º officio

Roque Luiz Fêria Ponce

Verifique:

O Juiz de Direito, substituto,
J. Nobre

VENDEM-SE

duas moradas de casas com terreno anexo, na Avenida Dr. Bernardino da Silva.

Tratar com o mestre de obras
JOSE GARRAIA

Pensão MIQUELINO

AVENIDA DA REPUBLICA, 83

OLHÃO

Aceita comensaes e fornece refeições ao domicilio

Otimo serviço de mesa

Alugam-se quartos

Preços modicos

Casa de campo

situada proximo do mar, em Marim, aluga-se.

Nesta redação se informa.

COMPARE... E AVALIE!!!



Acabam de chegar à **CASA BRAZIL** da Rua do Comercio, as ultimas novidades em Discos para Gramofone com os melhores sucessos de todo o mundo. Grande variedade em discos com repertorio portuguez escolhido pessoalmente dentre o melhor existente nos representantes de Lisboa. Todos os discos que esta casa vende são gravados a electricidade sendo os que o publico deve preferir, pois alem de serem os mais perfeitos resiste mais ao desgaste. Todos os meses chegam novidades, havendo neste estabelecimento sempre um sortido enorme e variado. Qualquer disco que não haja em depósito toma-se encomenda não pagando o freguez mais caro por isso. **Esta casa só vende discos novos. Discos desde 10\$00 a 100\$00 escudos.**

GRAMOFONES — Sempre em depósito os modelos mais vendáveis, podendo requisitar-se qualquer modelo e de qualquer marca que presentemente não haja em depósito, assim que o freguez deseje. Facilita-se sempre ouvir os aparelhos antes de comprar, para se certificarem as vantagens de Gramofone para Gramofone. Modelos desde 250\$00 a 4.500\$00 escudos.

AGULHAS — A marca que ultimamente se tem evidenciado de todas as outras é a BRILLIANTONE da Companhia BAGSHAW de NEW-YORK, por ser a agulha que não risca os discos permitindo mais a sua duração. A melhor agulha para Gramofone que a sciencia e a arte podem fabricar. Toca hoje mesmo o vosso disco favorito com esta agulha e nota a diferença na reprodução. Tudo que o artista quiz exprimir é igualmente bem reproduzido. Também se encontram á venda mais seis marcas diferentes podendo o freguez comprar a que mais lhe aprouver. Há agulhas de dois tons. Som forte e som médio. **Não se vendem agulhas usadas. Caixas desde 4\$00 a 10\$00 escudos.**

ACESSORIOS — Venda ao publico de todos os accessorios para Gramofones, taes como: Campanulas, Braços, Diafragmas, Tambores, Rodas dentadas, Cordas, Parafusos, Pratos, Carretos, Micas e Borrachas para Diafragmas, etc., etc. Execução de peças feitas por medida. **Preços resumidos.**

REPARAÇÕES — Esta casa tem contrato com uma officina própria de reparações em toda a qualidade de Gramofones, de Lisboa, sendo os concertos feitos debaixo de uma orientação tecnica e com segurança. É certo que uma reparação feita em Lisboa sae mais caro um pouco, mas fica então coisa garantida. Para pequenos concertos tem esta casa pessoa de competencia em Olhão que executa esses trabalhos, sempre dentre de preços módicos. Para ambos os casos se empregam, os melhores materiaes e accessorios dentre o melhor que se fabrica no género. **Modicidade nos preços.**

MARCAS — Presentemente esta casa vende GRAMOFONES, DISCOS, e AGULHAS das seguintes marcas: COLUMBIA, HIS MASTER'S VOICE, BRUNSWICK, ODEON, VOX, FIDÉLIO, DECCA, GILBERT, ITONIA, CRESCENDO, HEROLD, THOREN'S, JEDSON, PARLOPHON, HOMOCORD, FONOTIPIA, etc., etc. podendo encomendar qualquer outras marcas que o cliente deseje. Esta casa não representa qualquer marca, pois tem ampla liberdade de vender de todas as que aparecerem no mercado, sendo neste caso melhor pois tem sempre variedade de modelos onde o freguez escolhe o que mais lhe convem, e muitas vezes mais sortido do que os próprios agentes exclusivos.

AUDIÇÕES — A **CASA BRAZIL** presentemente não possui Cabine própria para audições, por motivo de exiguidade de instalações, mas em seu estabelecimento possui um optimo Gramofone para experimentar qualquer disco, reproduzindo fielmente o que o disco é. No entanto mediante pedido dos seus excellentissimos freguezes facultam-se audições de Gramofones e Discos em casa dos interessados, ficando neste ultimo caso o freguez bem servido pois que sem aumento de preço ouve em sua própria casa o Gramofone ou Discos que deseje adquirir antes de comprar e á sua vontade, e com mais atenção e liberdade de fazer uma escolha conscienciosa podendo ainda com maior franquesa rejeitar o que não lhe agradar.

PREÇOS — Os preços são sempre fielmente cumpridos segundo tabelas de venda ao balcão de Lisboa e Porto, pois estes artigos não se podem vender mais caros nem mais baratos do que a tabela, sendo punidos os revendedores que tal fizerem. Nestas condições todò o publico tem a lucrar comprando nesta casa porque compra pelos mesmos preços de Lisboa, tendo a vantagem de ouvir e ver antes de comprar. O sistema de vendas é feito segundo o das casas de Lisboa e Porto (**Só a dinheiro**) distribuindo-se catalogos, brindes e mais facilidades aos clientes quando as casas importadoras autorizarem tal.

Procurar a CASA BRAZIL é ter a certeza de encontrar o que deseja. Não confunda esta casa com outras que por não se dedicarem a fundo a estes artigos, nunca teem sortido tão completo, nem podem servir melhor o cliente.

CASA BRAZIL

Manuel Alexandre dos Santos Junior

Rua do Comercio, 72 e 74

OLHÃO



Edital

A Comissão Administrativa da Camara Municipal do Concelho de Olhão

Faz saber que, na conformidade do disposto no art.º 1.º do decreto n.º 14.181, de 30 de Agosto de 1926, está procedendo ao registo dos cães e convida todas as pessoas possuidoras daqueles animais a virem fazer a respectiva inscripção dentro do prazo de 30 dias a contar da data do presente edital, sob pena de incorrerem nas penalidades a que os sujeita a legislação em vigor.

Para constar se passou o presente e outros de igual teor que terão a devida publicidade.

Olhão, e Paços do Concelho, 12 de Julho de 1928.

O Presidente

João Carlos Mendonça

TRESPASSA-SE

Livraria, papelaria e tabacaria no melhor local da vila.

Informa

Casa Havaneza

Rua do Comercio, 71

Anuncio

No dia 22 do corrente mês de Julho, pelas 13 horas, á porta do Tribunal Judicial desta vila, vai á praça para ser arrematado a quem maior lance oferecer acima de metade da avaliação, o imóvel penhorado na execução por custas e selos que o Ministerio Publico move contra Joaquim Mendonça Lopes e que é o seguinte: Um predio urbano localizado em uma rua ainda sem nome na antiga cerca de D. Maria Ventura, desta vila de Olhão, avaliado em 25.000\$00. São citados quaisquer credores incertos, nos termos da lei.

Olhão, 10 de Julho de 1928.

O Escrivão do 2.º officio

Roque Luiz Fêria Ponce

Verifique:

O Juiz de Direito, substituto

G. Nobre

CONTABILISTA

Especializado em Contabilidade Industrial e Commercial, aceita colocação permanente, ou trabalhos avulsos. Muito competente e desembaraçado. Carta a este jornal ás iniciais S. M.

RAPAZ

com alguma pratica de mercearias por atacado e a retalho, tendo também pratica de escritorio. Idade 18 anos. Procura colocação não se importando ir para fóra da terra. Nesta redação se informa.

Aos proprietarios de Automoveis

Vulcanisa-se pneus com perfeição e garantia na "Auto-Garage Avenida" em Olhão

Bordados e pinturas

ensina-se e aceita-se trabalhos

Clarice Azinheira Rebelo
Avenida Dr. Bernardino Silva

OLHÃO

Aos fumadores do papel ZIG-ZAG

Por despacho de 4 do corrente mês de Julho dado pelo Meretissimo Juiz da 2.ª Vara Commercial foi proibida, em harmonia com a lei, a venda em Portugal de todo o papel «ZIG-ZAG» que não contenha a indicação:

Unicos importadores em Portugal
A CASA HAVANEZA — LISBOA

Este despacho, que nos habilita a apreender todo o papel burla em qualquer parte onde se encontre, é além de uma garantia para os consumidores da nossa acreditada marca, uma prova da razão que nos assistia quando em successivos avisos preveniamos o publico de que só usasse o **Legitimo Zig-Zag**.

Com a apreensão que já efectuámos no deposito e com as que continuaremos a realizar nas casas onde ainda esteja á venda terminará por completo a burla que já durava ha tanto tempo e que tinha por unico intuito desacreditar a marca **Zig-Zag** tão apreciada pelos verdadeiros fumadores.

Para esse efeito estamos tirando as deprecadas necessarias para efectuar a apreensão do papel burla nas casas da provincia que, apesar das nossas prevenções o continuam a vender.

Esta burla já acabou, mas nem por isso deixaremos de continuar a prevenir os consumidores de que se devem acautelar contra todas as imitações que prejudicam a saude pela muita parafina que contém e que alteram o gosto do tabaco deixando na boca um sabôr a papel queimado.

Todos estes inconvenientes se evitam usando só **Legitimo Zig-zag** de que são

Unicos importadores em Portugal

A CASA HAVANEZA — LISBOA
24 — Largo do Chiado — 25

VENDEM-SE

60 acções da Empreza de Electricidade.

Tratar na Rua Direita, 61
OLHAO

VENDEM-SE

2 motores electricos.

Tratar com
Saias, Irmãos & C.ª L.ª da
OLHAO

VENDE-SE

balcão e estante envidraçada.
Nesta redacção se informa.

PIPAS

em bom uso e prontas
a servir, vendem-se.
Nesta redacção se diz.

Visite V. Ex. a Exposição Regional Algarvia

e terá ocasião de apreciar um aparelho que pela primeira vez se apresenta ao publico

Fonola GHARRB

de invenção e fabricação portuguesa, o unico que reproduz fielmente a voz humana e todas as outras vozes e sons por forma indiscutivelmente superior a todos os aparelhos estrangeiros, com a vantagem de um menor peso sobre o disco, uma sonoridade mais intensa e mais nitida, e uma discriminação mais perfeita

CONSTRUCTOR:

FREDERICO RAMOS DIAS
RUA DO COMERCIO, 105
OLHÃO



Não hesite... escolha

KODAK

tereis a certeza de obter boas fotografias

Fotografia VEIGA

RUA DIOGO CRISTINA, 6 — OLHÃO

Vos dará todas as facilidades, todas as indicações, todas as demonstrações sobre fotografia, além de que vos executará todos os vossos trabalhos de revelar, imprimir e ampliar rápido, bem e

Por um reduzido preço

Se já tendes um aparelho fotografico exigí sempre **PELICULA KODAK**, se ainda o não tendes não queirais outra — é mais seguro.

Peça pelicula
em caixa amarela



CASA PARA VERÃO

aluga-se, fresca, bem situada, proximo da Avenida Dr. Bernardino da Silva.

Dirigir a Francisco Victoriano
Rua das Lavadeiras, 62.

TRESPASSA-SE

o maior e mais bem situado estabelecimento em Olhão, com ou sem existencia. Nesta redacção se diz.

A

Ourivesaria J. BRITO
compra por alto
preço ouro e prata

VENDE-SE

uma instalação nova contador **SIMENS**.

Trata **Casa Havaneza**

HIPOTHECAS

J. L. Miranda Trigueiros, R. Teófilo Braga, dá informações sobre transações hipotecarfas.

ARMAZENS EM MARIM

Arrendam-se dois.
Quem pretender, dirija-se a **Dr. José Dias Sancho — FARO**

OURIVESARIA RAMOS

RUA DO COMERCIO, 105

OLHÃO

OURO — PRATAS — RELOGIOS

Concertos em todos os aparelhos de relojoaria

GRAMOFONES — DISCOS — AGULHAS

Representação da casa

Columbia

Fornecimento de discos de todas as marcas

N. B. — Todos os concertos de gramofones são feitos só pelo preço do custo dos accessorios, empregando-se sempre material de primeira qualidade

Escotismo

escola de cidadãos livres, fundamentada nos bons princípios cristãos

Passávamos na Avenida da Republica. Um simpatico grupo que divisamos despertou a nossa atenção.

Sete rapazitos, dirigidos por um outro mais velho, rodeando um carro de tração braçal.

Envergavam o garrido traje dos escoteiros.

Pararam á porta da séde do seu Clube, que o grande corêto municipal quasi encobre ás vistas do publico.

O curioso espectáculo tentou-nos á publicação de algumas linhas sobre Escotismo, no intento de auxiliar a sua propaganda, bem justa e precisa n'uma terra onde o grupo de escoteiros dá uma nota exemplar de pertinacia e dedicação desinteressada pela educação dos rapazes; a ponto de sêr a unica instituição educativa onde os dirigentes e instructores prestam, assiduamente, os seus serviços sem a menor remuneração, ou interesse particular; ao contrario pagando, até, a sua quota.

É um facto digno de registo.

O *Correio Olhanense* pondo mais uma vez as suas colunas á disposição dos propagandistas escotistas, para que tornem publica a excelencia do sistema e os resultados já obtidos, procurou um dos dirigentes que, sob a promessa de *entrevista impessoal*, satisfizesse a nossa curiosidade, dando resposta ao nosso ligeiro inquerito:

—No domingo, de tarde, fomos surpreendidos pelo curioso espectáculo da chegada de alguns escoteiros á sua Séde. Pode dizer-me quem eram e d'onde vinham?

—Era a patrulha do *Galo*, chefiada pelo seu guia, rapaz de 14 anos, que com alguns dos seus companheiros regressava do seu acampamento de Marim.

—Uma patrulha? Patrulha do *Galo*?

—Sim. Os grupos estão divididos em patrulhas de 9 escoteiros, que tomam o nome do animal preferido pelos rapazes.

O *Galo* é madrugador e aguerrido. Um simbolo!

—Disse-nos que regressavam de Marim?

—É facto. Sob a vigilancia de um dos seus chefes, por sua vez chefe de familia e muito competente para vigiar os pequenos escoteiros, e de dois *Seniors*, escoteiros de 18 e 20 anos, a patrulha dirigiu-se no sabado, ao fim da tarde, á Praia de Marim, onde pernouteou.

No domingo ao entardecer, levantado o acampamento, voltaram á vila.

—E em que se occuparam durante esse espaço de tempo?

—Posso fazer-lhe um relato succincto, mas detalhado.

A partida fôra fixada pelo guia, para as 20 horas de sabado.

Feita a reunião e a chamada, organisaram uma lista do material necessario para o bivaque.

—Preparativos feitos por êles?

—Tudo devido á sua iniciativa. Foram acomodando no carro o que lhes fazia falta: — As tendas de campo, a barraca do chefe, balde de lona para agua, cande-

iros portateis, pás picarêtas, machado-martelo, — panelas, mantas e bornaes com alimentos, lenha sêca, sacos-alpinos com roupas de uzo, ambulancia de pronto socorro, etc. Um parentesis para lhe dizer que o grupo de Olhão tem o melhor material do Algarve.

—E depois?

—Marcharam cogitando que a *união faz a força*. Todos tomaram parte na condução do carro, uns no varal de tracção, outros puxando pelas espias, outros, os mais pequenos, empurrando.

—E o chefe?

—Tambem dá a sua ajuda

quando é preciso. Os escoteiros auxiliam-se, sempre, sem distincção de categorias. É da sua Lei.

—Pelo caminho?

—Pelo caminho palestra-se, alegremente. Ri se, canta se. Ha a mais sincera fraternidade.

Fazem-se exercicios de observação e de memoria.

Os instructores não perdem um unico ensejo de dar conselhos, corrigir defeitos, induzir a Lei do Escoteiro...

—Que se baseia...

—... nos bons principios cristãos, e foi sabiamente organisada para formar bons cidadãos.

—Logo que chegam, o que se faz?

—Escolhe-se o local e monta-se o bivaque, segundo preceitos especiaes, atendendo se a direcção dos ventos dominantes, proximidade de agua potavel, etc. Em seguida, se não é muito tarde, organisa-se o *Fogo do Conselho*, a reunião de todos os escoteiros, sob a presidencia do mais categorisado que prelecciona sobre assuntos moraes terminando a sessão por um autentico sarau em que cada um colabora com seus numeros predilectos de musica, canto, recitação, historietas, scenas mimicas, ou comicas, etc.

Olhe a patrulha do *Galo* está organisando uma especie de *Jazz-band* com predominio de *Fanfarras carula* e... gaitas de canal!

—Depois...

—Depois, — cama. O silencio, a mais absoluta ordem e disciplina.

Aos pequenos são recordadas as recomendações de suas familias sobre os deveres religiosos e outros, porque o Lar, o amor maternal e os bons habitos familiares, não são, nunca, olvidados nos acampamentos de escoteiros.

—Pela manhã?

—Muito cedo, a alvorada.

Que saudavel, ver nascer o Sol! Segue-se o arejamento das baracas e das roupas, as lavagens, a ginastica, as refeições, os exercicios e jogos, os banhos do mar, para os devidamente autorisados.

Os rapazes fazem a sua cozinha, e bastam-se no acampamento.

Não ha a mamã e as manas, para cosêr o botão que caiu, nem a creada para engraxar o calçado.

O escoteiro faz-se homem, homem livre, expedito, disciplinado, consciante, iniciador e leal.

Todos os seus exercicios tendem a estes resultados.

E o dia no acampamento passa-se rapido e bem.

Em Marim, os da patrulha *Galo* encheram-se de bom ar livre, de iodo marinho, de alegria e de saúde!

Se tivessem ficado na vila, bem provavelmente se levantariam ao meio dia, almoçariam sem apetite, garrulariam na rua, de sucia com os garôtos, estafando-se em desafios violentos de *foot-ball*, se não fossem parár a um dos cafés onde se aceitam môços pequenos para a jogatina a dinheiro, já apontada no seu jornal.

—E que tal? Tem vida o grupo de Olhão?

Consideramo-lo um dos mais escotistas do Algarve, se bem que menos preparado para exhibições.

Essa feição está posta de parte. Fazemos escotismo integral e temos dispensado muita gente inutil, ou prejudicial ao movimento.

Podéramos sêr 100 ou 150; — um regimento. Mas, como não fazemos escotismo de paráda...

Só de uma vez despedimos 11 cavalheiros, que não prestavam.

Se quizessemos não nos faltava *tropa*.

Preferimos, constituir uma seccion. E... isto vae.

Desilusão...

(A MADEMOISELLE P...)

O amor é como o relampago, como êle dura um segundo e como êle tambem pode ser fatal, trazendo a desilusão.

Carnaval!

Reina a alegria por tôda a parte!

A' noite nos salões a animação é correspondente á do dia; confetis e serpentinas multicolores, enlaçadas nos gentis pares, misturados com o odor ezalante do éter perfumada lançado por mil bisnagas, entre as risadas cristalinas *des jeunes mascarades*, davam um encanto inexplicavel.

Foi entre êste borborinho, que dois jovens se conheceram e amaram; ela é uma interessante e esbelta rapariga; bonita? Não, não deve nada... á formusura, mas, é uma azougada loirinha — dum loiro oxigenado — á quem a vida parece sorrir.

É uma leviana, uma colecionadora de *firts*, uma *jill*.

Êle é pouco mais velho do que ela; um verdadeiro contraste!

Moreno, estatura mediana, Angelo é um pacato milionariozinho de olhos oôr de azeviche, onde se lê a bondade do seu coração e a mágua que lhe vai na alma, por estar prestes a separar-se da sua querida Paula, porque os seus deveres de estudante a isso o obrigam.

Taciturno, duma melancolia sepulcral, êle sómente pensa na longa ausencia que é obrigado a fazer.

—Angelo! Angelo! Que tens? Não houves?

Dir-se-hia que a alegria te faz mal.

Porque não danças? Não me respondes?!!!

Dar-se-há o caso que já não gostes de mim?

—Oh! Paula!

Como és injusta! Não imaginas quão mal me fazem essas palavras imerecidas.

* * *

São decorridos alguns menses

Finalmente chegaram as férias tão ambicionadas por Angelo; ei-lo novamente a caminho do seu risonho Olhão e n'estalgico sonha; sonha com o seu lar, com a sua terra natal, com a sua saudosa Paula, cuja imagem êle tanto venera; tem-a gravada no coração e que jamais poderá esquecer.

Foi com jubilo que se preparou para ir ao baile — de S. João —, onde iria encontrar Paula e com ela passar algumas horas de intensa alegria confiar-lhe os seus anseios e mais uma vez dizer-lhe que a amava mais do que nunca.

Mas... oh fatalidade! Oh! desilusão!!!... dolorosa e traiçoeira! Paula, a leviana loirinha, a *jill*, que êle tanto amara, já há muito o esquecera, para o substituir pos um outro rapaz, um estroina, um valdevinos.

Angelo não acreditava no que via, julgava sonhar, não era possivel que a sua noiva o tivesse esquecido!...

Paula nem nêle reparava, tão embevecida estava com o seu... novo apaixonado...

Angelo, no auge do desespero jurou vingar-se da ingrata, que apesar de tudo, lhe era tão querida.

Estava perplexo! Todavia, absteve-se de praticar qualquer loucura e achou que o unico remédio possivel, era o desprezo... e, esquecê-la-hia.

Passados dias o seu rival esquecera tambem Paula e ela hoje chora; chora por não ter compreendido Angelo, por o ter esquecido... mas... estava no seu direito, porque era uma rapariga moderna...

Lá diz o adágio:

«Quem com ferros mata... com ferros morre...»

Olhão, 1928.

MARIA OTILIA G. LIMA
(Socia honoraria do Gremio Academico)